



**III SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE:
INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA**
"Impactos da agenda conservadora sobre a formação de professores"

Dourados - MS, de 21 a 23 de maio de 2018

VOZES DE UM MOSAICO: O *BULLYING* EM *EXTRAORDINÁRIO*

Marilise Leite Vitorino dos SANTOS (UEMS-Dourados)¹

Paulo Henrique PRESSOTTO (UEMS-Dourados)²

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar o livro **Extraordinário** (2017), da escritora R.J.Palacio, focando o tema *bullying* e a alteridade entre os personagens e a estrutura singular do texto. O estudo se baseia em conceitos teóricos de CANDIDO (2000), BACHELARD (2003), COMPAGNON (2006), SAMOYAULT (2008), entre outros. Ele apresenta duas partes; a primeira compreende os aspectos intertextuais presentes na narrativa, e a segunda destaca e analisa algumas passagens da narrativa que revelam o *bullying*, além das vozes dos personagens que ocupam o posto de narradores. Os resultados alcançados permitem afirmar que: a) a intertextualidade é um aspecto formal que amplia os horizontes de sentidos sobre o enredo; b) o tema *bullying* é tratado sob vários pontos de vista dos personagens, estabelecendo assim um conhecimento mais amplo sobre o tema; c) o livro é fonte de informações sobre o tema *bullying* e por isso pode ser trabalhado na escola, pois auxiliará o professor na abordagem desse fenômeno social.

PALAVRAS-CHAVE: **Extraordinário.** Intertextualidade. *Bullying.* Personagem-narrador.

Introdução

¹ Acadêmica do Curso de Letras Port./Espanhol da UEMS-Dourados. E-mail: mari_liselvs159@hotmail.com

² Docente do curso de Letras Port./ Espanhol da UEMS-Dourados. E-mail: paulopressotto@uol.com.br

O objeto de estudo deste artigo é a obra **Extraordinário** (2017), escrita por R.J. Palacio, publicada primeiramente nos Estados Unidos em 2012. O livro narra a história de August, ou Auggie (como é chamado em família), que sofre de uma doença de nascença denominada disostose bucomaxilofacial, além de uma microsomia hemifacial. Estas enfermidades causam uma deformação no rosto do personagem. Como consequência dessa deformidade, surge o estranhamento por parte de terceiros, principalmente no ambiente escolar, provocando a ação do *bullying* em determinados sujeitos, desprovidos do entendimento de alteridade cujo sentido segue aqui: “Caráter ou estado do que é diferente; que é outro; que se opõe à identidade.[...] Circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste.” (<https://www.lexico.pt/alteridade/>)

A obra consta de oito partes, cada uma é narrada por um personagem: Parte Um, narrada por August, com 31 episódios; a Parte Dois, por Via, irmã de August, com 16 episódios; Parte três, por Summer, amiga de August, com 6 episódios; Parte quatro, por Jack, amigo de August, 20 episódios; Parte cinco, por Justin, namorado da Via, 8 episódios; Parte seis, por August, com 11 episódios; Parte sete, por Miranda, melhor amiga da Via, com 6 episódios; Parte oito, por August novamente, com 25 episódios.

Este artigo se justifica pelo fato de mostrar como a autora trata/discute o *bullying*, abarcando a voz narrativa, a intertextualidade, a relação entre o eu e outro e a posição do leitor diante das vozes presentes. Nesse sentido, faz-se necessário revelar, por meio deste texto, o trabalho de junção entre forma e conteúdo que forma a narrativa **Extraordinário** e sua qualidade literária. Com isso, pretende-se também alcançar uma possibilidade de leitura dessa ficção.

Segundo Antonio Candido, em seu livro **Literatura e sociedade**, quando disserta sobre a interpretação/análise de um texto literário, há que se levar em conta, nessa interpretação, o texto e o contexto da obra.

Hoje sabemos [...] que só [...] podemos entender [a obra literária] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que

desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2000, p. 4)

Nessas palavras do crítico, compreende-se que a estética da obra literária se dá pelo impacto da junção/combinção de forma e conteúdo, abarcando o social. Acrescenta-se aqui, nesta análise, o cultural, devido às diferenças nas relações entre grupos formados na escola. Com base nessas definições, que direcionam o caminho para a interpretação da obra literária, elenca-se as seguintes questões: como as vozes narrativas aparecem em **Extraordinário** e qual seu efeito e importância na construção da estrutura do romance e no desenvolvimento do tema alteridade; como a intertextualidade contribui para o desenvolvimento do enredo e a identificação dos sujeitos; como o *bullying* é representado no romance e como se configura a relação entre o “eu” e o “outro” na constituição dos sujeitos, nos momentos de inclusão e exclusão; como se pode definir a participação do leitor nessa narrativa, no que tange a sua importância diante do tema e da forma apresentados.

Norteando-se pelas indagações acima, foram traçados os seguintes objetivos para a interpretação do livro: revelar a intertextualidade presente na narrativa e sua importância para a forma e para as identificações e relações entre os sujeitos; apontar marcas do *bullying* na narrativa e como ele se apresenta no texto; apresentar a relação de alteridade que há entre os personagens no ambiente familiar e escolar; destacar as múltiplas vozes que narram a história, apontando e analisando o ponto de vista de cada narrador-personagem; revelar como a narrativa se forma em diferentes versões narradas da história, dando a ideia de um texto-mosaico em que o leitor fará a junção das peças para a compreensão do sentido geral da ficção.

Dessa forma, partindo dessas questões sobre a obra no campo temático e formal, bem como também almejando os resultados inerentes aos objetivos, foram colocados alguns passos para a confecção deste artigo que compreendem duas etapas: Primeira: uma breve definição sobre a intertextualidade via os conceitos explanados por (SAMOYULT, 2008), mostrando, numa análise comparativa, a relação entre personagens do filme **Star Wars** (1977) e do desenho animado **Augie Doggie and Doggie Daddy** (1959) - **Bibo Pai e Bob Filho**, em português - com os personagens do livro; ainda nesse campo intertextual, destacar e analisar as epígrafes que abrem cada parte narrada por um personagem-narrador e sua relação com o conteúdo da história relatada; Segunda parte: destacar conceito sobre o *bullying* na escola

(TREVISOL;UBERTI, 2016) e como ele se apresenta na história, no âmbito do espaço escolar principalmente.

A intertextualidade e as vozes dos sujeitos

Neste item, analisa-se a configuração da intertextualidade em **Extraordinário** (2017), bem como as vozes dos sujeitos que narram as partes que compõem a narrativa. Segundo Samoyault, “[...] a intertextualidade torna-se verdadeiramente um conceito para a recepção, permitindo impor modelos de leitura fundados sobre fatos retóricos captados em espessura, nas suas referências a outros, presentes no *corpus* da literatura” (SAMOYAULT, 2008,p. 25).

No livro encontramos várias referências do universo *nerd*, o que faz com que o leitor consiga entender a construção da personalidade de August (Auggie). A intenção da autora parece demonstrar que August é uma criança comum, com gostos comuns. Embora tenha vivido por um tempo em uma realidade diferente das outras crianças que já frequentavam a escola, e que possuem uma aparência totalmente normal, August tem desejos e preferências como os de qualquer outra criança e consegue ser original e apaixonado, por exemplo, pelo universo de **Star Wars** (1977).

Na narrativa, os personagens do filme **Star Wars** e do desenho animado **Bibo Pai e Bobi Filho (Augie Doggie and Doggie Daddy, 1959)** se relacionam com os personagens do livro e, por conseguinte, com a estrutura do romance.

Na imagem (figura1), aparecem os personagens Augie Doggie e Doggie Daddy em uma relação clássica de carinho, amor e proteção. O pai de August, por causa desse desenho animado, chama-o de Auggie. A narrativa traz então a intertextualidade entre este desenho, formando uma ponte entre a “realidade” e a ficção, ou seja, um espelho da relação de August (Auggie) com o seu pai, e de Augie Doggie com seu pai. É importante destacar que a relação de August com o pai é muito confortável, pois este lhe deixa confiante devido ao fato de ele manter sempre uma aproximação afetuosa com August, além de ser compreensível nos momentos mais difíceis na vida do filho.



Figura 1 - Augie Doggie and Doggie Daddy (1959)

Percebe-se também que é no ambiente familiar, ou seja, na casa, em que o personagem se sente mais protegido, longe dos julgamentos do ambiente escolar. Em seu livro **A poética do espaço**, Bachelard apresenta muitas definições sobre o que a casa pode representar no texto literário e também na vida das pessoas. Destaca-se aqui uma delas que ajuda a entender o que este espaço representa nessa história.

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado ao mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 2003, p. 26)

Nesse sentido, a casa representa a proteção para o personagem. Esta proteção e tranquilidade podem ser constatadas no convívio harmonioso que August mantém com os membros de sua família, diferente da escola que se torna um lugar tenso pela presença constante dos atos de *bullying* pelos quais sofre.

Pode-se ver também na narrativa a relação de August com a irmã, na parte em que Via relata fatos em que o carinho pelo irmão é revelado, além de compreender os pais pela ausência, entendendo a ocupação que eles têm com o August.

Nota-se ainda que, conforme August vai crescendo, ele vai, obviamente, buscando-se mais independente. Seus desejos e afinidades se modificam. Assim, há um momento em que ele pede para o pai não mais chamá-lo de Auggie Bobi:

_Pai, você pode por favor não me chamar mais de Auggie Bobi? _ sussurei em seu ouvido.
Ele sorriu, assentiu e fez sinal de positivo com os polegares. (PALACIO, 2017, p.235)

Percebe-se que este posicionamento do personagem, além de marcar o autoconhecimento, e certa independência já referida, revela sua ação diante dos fatos e dos problemas enfrentados no ambiente escolar.

No episódio III, do **Star Wars**, “A vingança dos Sith”, o rosto de Darth Sidious é queimado por raios e fica deformado. Julian então compara August a esse personagem com deformidade. Vê-se claramente um diálogo entre o filme e o texto primeiro.

- Qual é o seu personagem favorito? – perguntou o Julian.
- Comecei a pensar que talvez ele não fosse tão ruim assim.
- O Jango Fett.
- E o Darth Sidious? – disse ele. – Você gosta dele? (p.51)

Esse *bullying* fica evidente no dia do *Halloween* quando Julian diz que se fantasiará de Jango Fett (figura 2), personagem favorito de August, mas aparece de Darth Sidious (figura 2) para provocá-lo.



Figura 2 – Jango Fett e Darth Sidious

Em **Extraordinário**, personagens, ligados de alguma forma a August, apresentam suas versões sobre a relação, ou amizade, mantidas com ele, em partes composta por episódios. Cada parte, oito no total, trazem epígrafes que ajudam o leitor a entender os fatos descritos em cada episódio e também o seu personagem-narrador.

Na Parte um, narrada por August, aparece a epígrafe: “A fatalidade sorriu e o destino gargalhou quando ela se debruçou no meu berço...”, de Natalie Merchant, intitulada “Wonder”. “Wonder”, em inglês, significa maravilhoso ou extraordinário. Nessa primeira parte, o sentido da epígrafe se refere à condição de vida de August e sua relação com a sua família e a sociedade.

Na Parte dois, narrada por Via, aparece a epígrafe: “Bem lá do alto/ O planeta Terra é azul/ E não há nada que eu possa fazer”, “Space Oddity”, de David Bowie. Iniciar a parte de Via com essa epígrafe nos faz imaginar como ela encara sua própria vida, sentindo-se parte de um universo em que os planetas giram em volta de August, o Sol, e não há nada que se possa fazer a respeito. Via é uma garota madura que tenta resolver seus problemas sem incomodar os pais, porque tem a consciência que eles precisam se dedicar ao irmão. Ela faz de tudo para ser compreensiva e entende que não vale a pena reclamar por “bobagens”. No entanto, a calma desse “universo” termina quando Via entra no ensino médio, fase complicada da adolescência. Com a mudança de comportamento de sua melhor amiga, Miranda, Via se sente só. Na falta da amiga, começa a sentir o distanciamento dos pais e a querer mais atenção. Seu papel é importante no amadurecimento de August, pois é ela quem lhe dá forças para enfrentar os desafios da escola.

Na Parte três, narrada por Summer, tem-se a seguinte epígrafe: “Você é lindo, não importa o que digam/ Palavras não podem derrubá-lo/ Você é lindo de todas as formas/ Sim, palavras não podem derrubá-lo”, em “Beautiful”, de Christina Aguilera. Summer é diferente das outras crianças, não perdeu tempo evitando ou falando mal de August, resolveu conhecê-lo. Ela tem noção que August possui uma aparência que choca no começo, pelo impacto do estranhamento. Vendo ele de perto, percebe que o amigo é só um garoto como todos os outros. Summer pensa que se as outras pessoas o conhecessem realmente perceberiam como August é um ser humano especial.

Na Parte quatro, narrada por Jack, a epígrafe é: “Agora, esse é o meu segredo. É muito simples. Só se pode enxergar direito com o coração. O essencial é invisível aos olhos”, trecho de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. No início do ano, Jack não quer ser amigo de August, concorda em fazer um passeio pela escola antes do início das aulas, para que August conheça a escola, mas faz isso obrigado. Preocupa-se com o que os outros vão pensar se o vissem andando com o “esquisito” da escola. Demora a perceber que realmente gosta da amizade de August e o quanto ele é divertido.

“Só se pode enxergar direito com o coração. O essencial é invisível aos olhos”, talvez seja essa a principal lição que Jack aprende com August, o valor de uma amizade está bem além das aparências, basta concentrar-se na essência do amigo que o detalhe físico já não o incomoda.

Na parte cinco, narrada por Justin, a epígrafe é: “Às vezes acho que minha cabeça é tão grande porque é muito cheia de sonhos”, John Merrick, em *O homem elefante*, de Bernard Pomerance. Justin é um garoto diferente, na própria narração do livro é destacada essa diferença pela forma em que sua voz e escrita são construídas. Sem a presença de letras maiúsculas, o leitor logo percebe que Justin é ousado ao escrever. A participação de Justin pode parecer pequena no início, mas ele não é apenas o namorado de Via, embora este seja um fato importante neste momento em que ela necessita de alguém ao seu lado na escola. Ele é quem conduz o leitor para um estilo diferente de escrever, mostrando certa ousadia diante de normas estabelecidas. Ao falar de August, afirma que este é sortudo. Em sua fala, afirma que este talvez tenha tido o azar de ser o “premiado”, entre milhões de pessoas, com uma combinação de síndromes tão raras, mas é sortudo por ter pais amorosos, uma irmã que o protege e o ajuda, uma garota (Miranda) que guarda sua foto na carteira e amigos que são capazes de perder outras amizades para ter a sua.

Na parte seis, narrada por August, a epígrafe é: “Que obra prima é o homem! quão nobre na razão! quão infinito na capacidade! como é expressivo e admirável na forma e nos movimentos! nas ações parece um anjo! na apreensão é como um deus! a beleza do mundo!...”, em *Hamlet*, de Shakespeare. E mais: “Acho que devia haver uma regra que determinasse que todas as pessoas do mundo tinham de ser aplaudidas de pé pelo menos uma vez na vida” (PALACIO, 2017, p. 237), esta frase demonstra um traço da personalidade de August, a capacidade de acreditar que todos merecem ser aplaudidos, serem reconhecidos por seus esforços e suas vitórias, porque todos tem algo admirável e o homem é “a beleza do mundo”.

Na Parte sete, narrada por Miranda, aparece a epígrafe: “Eu esqueci que podia ver/ Tantas coisas lindas/ Eu esqueci que podia precisar/ Descobrir o que a vida poderia trazer – Andain, “Beautiful Things”. A parte de Miranda é importante para esclarecer quem realmente ela é. Apesar de parecer uma garota capaz de tudo para ser “popular”, ela não é assim. Sua vida é complicada, depois do divórcio dos pais, se sente ignorada pela mãe

e quase não vê mais o pai, por isso é fácil para ela desejar ter uma vida como a de Via, sua amiga desde a infância. Ela ama August, o viu crescer e por isso o considera um irmão mais novo. Assistiu todos os episódios de **Star Wars** para que tivesse o que conversar com ele. Mas, com o ensino médio, veio o desejo de ser popular, sentir-se parte importante de algo, mas Via ainda era a mesma garota de sempre. August é mais uma vez, de forma indireta, o centro na vida de Miranda. Na noite do teatro, ela espia o auditório e percebe que ele está lá, animado e um pouco mais alto. Decide-se então não se apresentar, dando lugar para a Via, sua substituta. Essa atitude mostra, sobretudo, o amor que sente por aquela família, imagina a alegria que August sentiria em ver sua irmã atuando. Depois da peça, ao se encontrar com August e seus pais, ela percebe que é importante para a família, e que sua amizade com Via não mudou.

Na Parte oito, narrada por August, a epígrafe é: “Você vai chegar ao céu/ Voe... linda criança, em “Beautiful Child”, de Eurythmics. O “efeito August” é evidente. Devagar, apenas com bom humor, paciência e compreensão, ele foi capaz de transformar a vida das pessoas ao seu redor. Ele é o “extraordinário” na vida das pessoas, simplesmente por existir, por conquistar o coração das pessoas com sua gentileza, além do necessário. Além disso, tem coragem para enfrentar os desafios de ser aceito e sente o alívio por perceber que conseguiu se superar, que foi importante na vida de tantas pessoas.

Por fim, constata-se que a intertextualidade com o desenho animado **Bibo Pai e Bobi Filho** (1959), com o filme **Star Wars** (1977) e com as epígrafes de cada parte do livro, narrada por um personagem próximo a August, contribui para a construção do enredo, pelo fato principalmente de ampliar os sentidos das relações do personagem.

O *Bullying* em seu contexto

O tema *Bullying* não é assunto novo, onde há concentração de crianças e adolescentes, há necessidade de discutir esse problema que parece não ter fim. O livro **Extraordinário** é narrado em primeira pessoa, a voz narrativa não é exclusivamente de August, outros personagens também narram suas versões sobre determinados acontecimentos juntos a August.

Embora viva o drama de iniciar em uma escola no 5º ano, sendo a escola um ambiente excludente e cruel com aquelas crianças e adolescentes que não são aceitas

no grupo, August não aparenta ser uma criança triste. Ele encara sua condição com bom humor e um sarcasmo inteligente.

Trevisol e Ubert, no livro ***Bullying na escola: inquirindo sobre as razões promotoras dos conflitos “entre” e “dos” alunos***, afirmam que:

Todos os dias, alunos sofrem com algum tipo de violência na escola. Alguns estudos revelam que esse comportamento, que até pouco tempo atrás era considerado inofensivo e que recebe o nome de *bullying*, pode acarretar diversas consequências ao desenvolvimento psíquico dos alunos. (TREVISOL; UBERTI, 2016, p. 17)

Com base no trecho acima, entende-se que **Extraordinário** aborda o *bullying* sem torná-lo demasiado pesado pela violência psicológica sofrida pelo personagem. No entanto, foca o tema indicando de forma clara os três lados que ele abarca: o *autor* ou *agressor do bullying*, a *vítima* ou *alvo* e os *espectadores* (TREVISOL; UBERTI, 2016, p. 26).

A assertiva que segue revela claramente o estranhamento que a imagem de August causa na turma. Nota-se a rejeição e a exclusão do personagem que passa a ser isolado pelos colegas, exceto pelo Jack e pela Summer.

Ela entregou-lhe a pasta e apontou para a carteira ao meu lado. Apesar de não olhar diretamente para ele, percebi que Henry não queria ficar perto de mim, só pelo modo como arrastou a mochila pelo chão ao se aproximar, como se estivesse andando em câmera lenta. Então ele pôs a mochila no canto direito da carteira, na vertical para que ela ficasse como um muro entre nossas mesas. (PALACIO, 2017, p.45)

Em outra passagem, August (alvo) é avisado que já tem alguém sentado à mesa, impedindo que ele se sentasse, excluindo-o propositadamente. Esse é um fato marcante da não inclusão, do rechaço que alguns alunos (autores e espectadores) cometem contra o personagem.

Tentei me sentar a uma mesa, mas a criança na cadeira ao lado disse:
– Ah, desculpe, mas já tem alguém aí. [...] Havia uma mesa cheia de garotas cochichando sobre mim – sei disso porque elas tapavam a boca com a mão. Os olhos ficavam indo e voltando na minha direção. (PALACIO, 2017, p.56)

Em outro momento, ele percebe que algumas garotas, sentadas em uma outra mesa, falam dele. Elas riem e cochicham sobre a sua aparência. É uma situação

complicada porque o personagem se sente mais uma vez excluído, por mais que já tenha vivido esta situação em outros momentos. Ele tem a consciência que sua aparência causa esta rejeição, porém segue em frente e acaba encontrando uma mesa. Logo chega Summer, uma garota despreendida que se torna sua amiga.

Pelo fato de ter problema na hora de comer, devido à deformidade de sua face e de sua boca, August tem a consciência de que quando come faz muita sujeira. O preconceito fica mais evidente em uma festa de aniversário quando um colega recusa em senta-se com ele à mesa.

Eu nunca tinha percebido como isso era estranho até que certa vez, em uma festa de aniversário, um dos garotos disse para a mãe do aniversariante que não queria se sentar do meu lado porque eu fazia muita sujeira, deixava escapar farelos de comida da minha boca. (PALACIO, 2017, p.57)

Essa passagem indica o *bullying* cometido por esse colega que não compreende o problema de August e nem se sensibiliza com a sua enfermidade. Outro fato de exclusão e silêncio, ocorrido na escola, se passa no momento em que, na sala de aula, as crianças [espectadores] ficam observando-o atrás dos cadernos.

E ficar lá era horrível no começo. Cada aula era uma nova oportunidade de as crianças “não olharem” para mim. Elas me espiavam por trás dos cadernos ou quando eu não estava olhando. Evitavam esbarrar em mim a qualquer custo, dando a volta e pegando o caminho mais longo, como se eu tivesse algum germe que elas pudessem pegar; como se meu rosto fosse contagioso. (PALACIO, 2017, p.68)

August sente que os colegas estão com medo dele, como se pudessem se contaminar por uma doença. Essa passagem parece muito dura e também apresenta uma falta de informação, por parte das crianças, ao não entenderem que August sofre de uma doença que não é contagiosa.

O *bullying* foi destacado aqui em algumas passagens em que se pôde perceber alguns papéis como o de vítima, de autor e de espectador. August é a vítima por sofrer *bullying* de seus atores, colegas que o agridem diretamente, e de espectadores (aqueles colegas que não o agridem diretamente, mas não se aproximam ou o defendem denunciando ou impedindo a agressão).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a leitura dessa ficção, percebe-se que as vozes formam uma narrativa que se pode relacionar a um mosaico. E, nesse mosaico, o leitor será o elemento que ligará todas as vozes narradoras, com seus pontos de vista, formando, por meio destes, um fio condutor que desembocará na fabulação da narrativa.

Esta maneira de contar a história apresenta uma inovação formal no texto. Alguns personagens citados na trama têm a oportunidade, cada um, de relatar sua relação com o August, revelando sua versão de uma mesma história.

Segundo Bezerra,

Dostoiévski conhece a fundo a alma humana, sabe que o universo humano é constituído de seres cuja característica mais marcante é a diversidade de personalidade, pontos de vista, posições ideológicas, religiosas, antirreligiosas, nobreza, vilania, gostos, manias, taras, fraquezas, excentricidades, brandura, violência, timidez, exibicionismo, enfim, sabe que o ser humano é esse amálgama de vicissitudes que o tornam irreduzível a definições exatas. (BEZERRA, 2010, p.XI)

Dar a oportunidade a determinado personagem narrar sua versão do convívio com o protagonista permite que o leitor tenha uma noção completa da história contada, abrangendo a família e também o porquê de suas atitudes (de cada personagem-narrador) ao longo da narrativa. Dar também oportunidade para que cada personagem seja o sujeito da história, permite que o leitor perceba onde August está inserido em cada relato.

Referindo-se ao conceito sobre literatura de Ingarden, Compagnon escreve que

[...] o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura. A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor. (COMPAGNON, 2006, p. 149)

Compreende-se que, por meio das vozes dos personagens narradores, o leitor vai se interagindo da história. Ainda que cada personagem seja o protagonista de sua história, August é o elo que une todo o enredo e não deixa que as partes estejam soltas. Sua presença, mesmo que em uma pequena parte, é o que desencadeia as ações na trama.

Os amigos de August, em cada relato, dizem que, depois de um tempo, a pessoa acostuma com a sua aparência, alguns demoram mais, outros menos, mas todos se acostumam, e os sujeitos passam a considerar apenas sua personalidade incrível.

Em **Extraordinário** há um protagonista e sua história caminha junto com as histórias de seus colegas, de pessoas que lhe são próximas. Essas histórias são pontos de vista que juntos somente o leitor poderá ter acesso e tirar sua conclusão.

Por fim, a estrutura do texto, com essas diferentes vozes, oferece a possibilidade de um diálogo entre elas em prol da desconstrução do *bullying*, quebrando o preconceito por meio do esclarecimento e das experiências por meio de um diálogo.

Além da presença de personagens narradores, o texto apresenta aspectos que se relacionam à forma, como a intertextualidade, possibilitando a ampliação cultural da ficção e, de maneira comparativa, contribuindo para o valor estético da obra.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, P. “Uma obra à prova do tempo”. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LÉXICO. Disponível em: (<https://www.lexico.pt/alteridade/>).

PALACIO, R.J. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

TREVISOL, M.T.C.; UBERTI, L. **Bullying na escola: inquirindo sobre as razões promotoras dos conflitos “entre” e “dos” alunos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

